

MANIFESTAÇÕES POPULARES EM EXTINÇÃO: ENTRE A RESISTÊNCIA E A CONFORMAÇÃO

Justino Alves Lima
Bibliotecário graduado pela Universidade Federal da Paraíba.
Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo.
Bibliotecário da Universidade Federal de Sergipe
justino@ufs.br

RESUMO

O trabalho aborda a questão da resistência de manifestações populares, estabelecendo uma correlação entre o que existe na cultura popular e o que está em extinção. Tomou-se como campo para estudo da questão a cidade de Laranjeiras, Sergipe, Brasil, patrimônio histórico cultural, com seus costumes, hábitos, tradições e manifestações que identificam uma cultura popular. Apoiado em referencial teórico subscrito à cultura, analisa as práticas adotadas pelas comunidades que garantem a sobrevivência das manifestações em risco de extinção. Discute a resistência dentro de uma perspectiva de mobilidade cultural que associa o passado ao moderno. E conclui que as manifestações populares resistem e se movem, ao mesmo tempo.

Palavras-Chave: Manifestações populares. Cultura popular. Tradição cultural. Folclore. Resistência cultural.

ABSTRACT

The work approaches the question of protest demonstrations, distinguishing between what still exist in the popular culture and what is being extinguished. The city of Laranjeiras, Sergipe, Brazil, was overcome as field for study of the question, cultural historic site, with its customs, habits, traditions and manifestations that identify a popular culture. Supported in theoretical referencial subscrito to the culture, it analyzes the practical ones adopted for the communities that at risk guarantee the survival of the manifestations of extinguishing. The resistance of a perspective of cultural mobility argues inside that associates the past to the modern. E concludes that the popular manifestations resist and if they move, at the same time.

Key-Words: Popular demonstrations. Popular culture. Cultural tradition. Folklore. Cultural resistance.

Este artigo enseja discutir uma questão: a da resistência de algumas manifestações populares. Uma discussão que guarda controvérsias. Se existe resistência por parte de algo, é porque existe algo que a motiva. Não se pretende, entretanto, discutir a questão da extinção de alguns grupos de manifestações culturais, mas chamar a atenção para o fato e examiná-lo, com base na opinião de intelectuais ligados ao assunto, na literatura produzida localmente e na literatura acadêmica globalizada. Verificar o fato e as influências que determinam tal processo.

Ao se estabelecer aqui um breve estudo sobre manifestações tradicionais, enquanto cultura popular, não se pretende pensar em cultura popular como identidade nacional, nem tampouco regional. O que se quer é estabelecer uma conexão entre o que existe na cultura popular e o que está em extinção, ou seja, verificar qual o processo engendrado que faz com que com a perda de raízes, originada pela migração e pela indústria cultural, do outro lado surja a resistência organizada.

A região demarcada para estudo é a do ciclo da cana-de-açúcar, mais precisamente a cidade de Laranjeiras, que assim como Japaratinga, Riachuelo e Maruim (outras cidades da região) têm a sua cultura associada à riqueza econômica do açúcar, com seus engenhos e suas usinas. Lá foram se instalando reisados, cheganças, cacumbis, maracatus, guerreiros, zabumbas, pastoris, batalhões, dentre outros. Na zona da pecuária foram se formando grandes grupos como parafusos, cangaceiros, lanceiros, reisados, zabumba e outros, com uma cultura associada com a riqueza da região, mais precisamente manifestações que teriam a ver com os vaqueiros e os que tratam com a criação de gado.

SITUANDO A QUESTÃO

Enquanto o Brasil completava quinhentos anos, Sergipe completava quatrocentos e dez anos, quando em 1º de janeiro de 1590 as tropas de Cristóvão de Barros conquistam as terras entre o Rio São Francisco, ao norte, e o rio Real, ao sul. São quatrocentos e dez anos formando uma cultura diversa, começada pelo contato com portugueses e holandeses. Assim, a mestiçagem se consolidou ampliada com os indígenas já encontrados, e as populações sudanesas e bantas, a partir do século 16, aumentando no século 18, se

concentrando na região do Cotinguiba, região canavieira do Estado, onde se encontra o município de Laranjeiras, considerado o “Berço da Cultura Negra do Estado de Sergipe”.

Situada na zona central do Estado de Sergipe na região do Vale do Cotinguiba, uma outrora próspera região açucareira, distante de Aracaju a apenas 18 km, a cidade de Laranjeiras convive com a majestade de seus casarões coloniais. Com 191 km de extensão territorial, o seu clima que oscila entre 24°C e 26°C e uma umidade relativa do ar de 78% em média, é um convite anual para visitar o que se considera um "museu a céu aberto".

Laranjeiras, patrimônio histórico estadual, é motivo de orgulho pela imponência de seus monumentos, divididos entre os casarões coloniais e as igrejas seculares, e da celebridade de filhos ilustres. Coerente com a longevidade dos seus majestosos casarões, a atividade financeira principal conseguiu dobrar o tempo e continua sendo a indústria açucareira e o fabrico do álcool. A cidade convive com duas frases que retratam o seu potencial histórico-cultural. A primeira, vinda do século passado, eternizou-a como a "Atenas Sergipana" numa alusão a gloriosa capital grega. A segunda, "museu a céu aberto" da nossa época, faz justiça ao seu valioso conjunto arquitetônico de extraordinário valor histórico-cultural.

De 1878 a 1904, a cidade de Laranjeiras teve o seu "período de ouro", quando configurou o título de Atenas Sergipana. A efervescência cultural da cidade pôde ser medida nos dois grandes teatros o Santo Antônio e o São Pedro, por onde desfilaram grandes nomes nacionais. Nada menos que seis jornais pontificaram nessa época: *O Horizonte*, *O Laranjeirense*, *O Republicano*, *O Cotinguiba*, *O Novo Século* e *O Gripho*. Colégios foram seis: Inglês, Americano, Sant’Anna, Coração de Jesus, Nossa Senhora da Conceição e a Escola Laranjeirense. Despontaram ainda no período de ouro o Gabinete de Leitura e os Clubes Dramáticos.

Em novembro de 1973, através do Decreto 2.726/73, foi criado o Centro de Cultura na casa onde nasceu João Ribeiro em Laranjeiras. A casa de João Ribeiro já era monumento histórico tombado pelo Departamento de Cultura do Patrimônio Histórico de Sergipe, pelo Decreto 2.048 de 1971. Considerava-se que a criação de um Centro de Cultura na casa de João Ribeiro contribuiria ainda mais para o engrandecimento cultural das tradições em Laranjeiras.

Tradições vindas da contribuição branca européia, a indígena nativa e a negra africana que vão dar a forma cultural que se evidencia nas danças e folguedos populares, na fala, nos

cantos, na alimentação e nos costumes. As manifestações culturais existentes em Laranjeiras têm raízes na Idade Média. Neste sentido, as culturas manifestadas são culturas trazidas pelos colonizadores, portanto não locais. Mas a preservação dessa cultura e as transformações ocorridas incorporam-se ao cotidiano popular e criam uma identidade local. Em 1976 foi criado o Encontro Cultural de Laranjeiras com o objetivo de estudar, pesquisar e divulgar o folclore e as várias manifestações populares. Vinte e sete anos depois o Encontro, sempre ocorrido em janeiro, no período das festas de Santos Reis, continua cumprindo o seu papel que é o estudo das tradições culturais do povo laranjeirense.

O Encontro tem possibilitado debates e criado preocupações com a possibilidade de extinção de algumas manifestações. A Chegança, que consiste em uma dança que revive um combate entre mouros e cristãos em alto mar, quase foi extinta, ficando seis anos sem ser executada, por motivo de doença do seu Piloto, o mestre Oscar. Outro mestre, o Zé Rolinha, que comanda a Marujada, conseguiu reativar o grupo.

A Taieira de Bilina, um dos mais conceituados grupos do Estado, conta com a disposição de uma jovem de 15 anos para substituir a mestra Maria de Lourdes, a sua mãe, falecida em outubro de 2002. Cabe à Bárbara manter a tradição, em sua terceira geração. Em janeiro, de 2003, ela puxou pela primeira vez a Taieira, e considera o seu maior desafio fazer com que as jovens da sua geração aceitem participar do grupo, uma vez que estas têm demonstrado preferências pelas atuais bandas.

Para Zé Rolinha, mestre da Marujada, só um trabalho sério entre a escola, a família e os governantes vai fazer com que a juventude deixe de sentir vergonha da sua própria cultura. Nos jovens (como Bárbara) reside a possibilidade de a cultura de Laranjeiras continuar viva. Preservando-se as manifestações serão preservadas a língua e a poesia popular divulgadas pelos grupos. O Cacumbi, a Taieira e o Reisado de Lalinha, por exemplo, cantam a poesia de um autor laranjeirense, João Sapateiro, que aos 19 anos conheceu Laranjeiras e decidiu lá morar.

CONTEXTUALIZANDO A QUESTÃO

Joana Côrtes, aluna do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe, recebeu uma menção honrosa, em São Paulo, no Prêmio Estadão/Unesco para formandos em

jornalismo. A matéria premiada fala sobre o desafio de Laranjeiras em manter viva a sua cultura. Revela que grupos de Maracatus, Congadas e Reisados já foram extintos por falta de substitutos para os líderes que morreram.

Embora a cultura se mova, o povo mantém vivos hábitos, costumes, tradições e manifestações que servem para identificar a sua cultura, com o que ela tem de característico, de típico, de próprio. Assim, as manifestações em Laranjeiras representam um sistema de crença e valores (espirituais e materiais) que foram sendo absorvidos desde a colonização. Existe um processo de transformação, uma vez que os padrões culturais brasileiros mudam muito. Nessas mudanças ocorrem a aquisição de novos elementos culturais e o abandono de outros. O que se discute é se o abandono é um processo natural, configurando a extinção de valores específicos de cada sociedade, ou se induzida por fatores externos, como a massificação de uma cultura globalizante.

Em se tratando de um processo de cultura popular, quando da sua produção, é livre da influência dos meios de comunicação, o mesmo não se pode dizer quando da sua existência, quando tem que conviver com tal influência. É o conflito entre uma cultura produzida pela população mais carente (social e financeiramente) e uma cultura produzida industrialmente que influencia o estilo de vida da sociedade.

Existe uma preocupação oficial com a questão da preservação por entender-se que as manifestações culturais (que professam a literatura falada e escrita) contam a história do povo. Em Laranjeiras existe um projeto municipal junto às escolas que trabalha o resgate e a preservação da história e da cultura através dos grupos e suas manifestações.

Um documento do governo do Estado de Sergipe, datado de 1972, “Plano de restauração, preservação e valorização do patrimônio histórico cultural de Laranjeiras, Sergipe”, revela a preocupação oficial com fatores externos que atentam contra a continuidade da multiplicidade de manifestações populares:

- a) a gradual substituição das formas tradicionais de diversão, por modelos importados da sociedade urbano-industrial;
- b) as dificuldades econômicas dos organizadores que, emergentes da classe baixa, nem sempre encontram na sociedade local a ajuda financeira necessária para a aquisição da indumentária e instrumental;

- c) a atividade de desinteresse das classes economicamente mais favorecidas que, nem sempre prestigiam as apresentações folclóricas, por não lhes dar valor, voltados que estão para a imitação de padrões culturais procedentes das grandes cidades (SERGIPE, 1972).

Agláé Fontes D'Ávila de Alencar, uma das maiores autoridades sergipanas em folclore e folguedos populares, pergunta “por que não defendemos a nossa cultura popular?”. E arremata: “só defendemos aquilo que conhecemos e com quem temos uma ligação afetiva” (ALENCAR, 2002). Pode até estar acontecendo um clima de comoção com o que está acontecendo em Laranjeiras, pois só assim para entender o desabafo da pesquisadora e escritora.

RESISTÊNCIA OU CONFORMAÇÃO

Supor que a cultura brasileira possa ser homogênea é supor que existe uma cultura identitária brasileira. O caráter de resistência, no entanto, não supõe uma cultura nacional única, ela é plural, o que se afirma em sua definição clássica da herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso. Mas, a partir do entendimento que se possa ter de cultura, tomando-se como pressuposto a definição acima, é fácil imaginar a existência de uma cultura popular em contraposição a uma cultura erudita.

Essa cultura (erudita) centrada no sistema letrado vê no sistema iletrado uma composição do homem do interior e do cidadão da periferia urbana. Não é difícil supor que, portanto, “certa vertente culta, ocidentalizante, de fundo colonizador, estigmatiza a cultura popular como fósil correspondente a estados de primitivismo, atraso, demora, subdesenvolvimento” (BOSI, 1992, p. 323).

No entanto, Bosi (1992) vê nas culturas um processo de união que não pode ser desprezado. Assim, a cultura aliada a um processo educacional democrático teria na cultura erudita um olhar atento às manifestações populares, de modo a entendê-la e acolhê-la. A partir da prática de Paulo Freire, a fundamentação de Bosi é de que esse entendimento e acolhimento são tão necessários quanto o letramento; com a condição de que cabe além da formação o entendimento do outro, da natureza. Não acontecendo tal postulado do conhecimento

ocorrerá que “o letrado cairá no mundo do receituário e da manipulação” (BOSI, 1992, p.341).

O processo cultural observado na cidade de Laranjeiras faz parte do segmento da cultura baixa, a cultura das classes populares que, para Bosi (1987) em determinadas situações encontra-se com a cultura de massa. Uma forma de considerar-se o valor das manifestações tradicionais, categorizada como cultura popular, é ater-se ao que Bosi (1992) considera que embora pertença tradicionalmente às categorias sociais mais pobres, a cultura popular é aproveitada pela cultura de massa e pela cultura erudita.

“Não há dúvida de que, nos traumas sociais e nas migrações forçadas, os sujeitos da cultura popular sofrem abalos materiais e espirituais graves, só conseguindo sobrenadar quando se agarram à tabua de salvação de certas engrenagens econômicas dominantes. Tal sobrevivência não dá, nem poderia dar, resultados felizes em termos de criação cultural, pois é conduzida às cegas pelos caminhos de exploração do sistema” (BOSI, 1987, p.51).

Mas para Bosi (1987) há um problema cultural de difícil solução que se revela quando do cruzamento de culturas, instaurado pela colonização. Assim, “nem sempre é fácil determinar precisamente o que é culto e o que é popular nas formas simbólicas de fronteira” (BOSI, 1987, p.52).

Cultura popular

Cultura popular, pejorativamente adjetivada como das classes subalternas, as manifestações do povo, é assim designada para tratar o que representa o regional, o tradicional e o folclore. Assim, são populares: a marujada, a congada, a ciranda, o bumba-meu-boi e vários outros.

A cultura popular encerra sinônimos: de primitiva, por ter origem no Romantismo com a tese de que cultura popular é preservação de tradições pelo povo para que as mesmas não desapareçam; de comunitária, como criação coletiva e anônima identificada com a natureza e com o povo; e de purista, por não se deixar contaminar pela vida urbana. Mesmo o termo cultura popular sendo de definição complexa tem a vantagem de assinalar aquilo que a ideologia dominante tem por finalidade ocultar isto é: “a existência de divisões sociais, pois se referir a uma prática cultural como popular significa admitir a existência de algo não-

popular que permite distinguir formas de manifestação cultural numa mesma sociedade” (CHAUÍ, 1989, p.28).

Está posta a questão da estratificação cultural em que a cultura alta e a cultura baixa têm como origem à contraposição entre cultura de elite e cultura de massa. A camada baixa representada por indivíduos anônimos e a camada alta representada por indivíduos capazes, os melhores do conjunto sócio-político.

Ideologicamente a elite é poder por possuir competência para deter “os meios de produção, os postos de autoridade e o Estado”, mas também porque possui o saber. Esse saber, o conhecimento letrado, é negado às camadas subalternas pela elite que não admite que o praticado nas manifestações culturais seja considerado o saber, quando muito conhecimento apropriado. Assim, a cultura menor, a cultura baixa, a cultura personificada na “massa” “está desprovida de saber, de fato e de direito, é considerada vazia, passiva, inculta, ignorante, incompetente, precisando ser guiada, dirigida e ‘educada’ (o que seria feito por uma Cultura de e para a Massa, forma menor da cultura dominante, outorgada pela elite)” (CHAUÍ, 1989, p.29).

Muito embora seja também produzida por artistas e intelectuais a cultura popular é vista como bifurcada em inculta, a do povo atrasado, inconsciente, o da cultura trivial; e culta, a do bom povo, consciente, o da cultura vanguardista. Diante disto, no Brasil, é freqüente a dicotomia com o popular: “este é encarado ora como ignorância, ora como saber autêntico; ora como atraso, ora como fonte de emancipação” (CHAUÍ, 1989, p. 124). A cultura popular, no Brasil, é vista como prática local, dispersa no interior da cultura dominante, como mescla de conformismo e resistência, às vezes uma, às vezes outra.

Conformismo ou resistência

Quando Chauí (1989), analisando a sociedade, examina alguns aspectos da cultura popular e se refere à resistência está se reportando “a práticas dotadas de uma lógica que as transforma em atos de resistência” e não em forma deliberada de resistência. É por este aspecto que tratamos o caso Laranjeiras. São as práticas adotadas pelas comunidades dotadas de procedimentos que garantam a sobrevivência das manifestações em risco de eclipsamento.

Ao se analisar a resistência das manifestações culturais longe está a perspectiva da análise de identidade cultural como instrumento de identidade nacional. Não se adquire aqui o caráter de fazer valer o popular como tradição nacional, mas o caráter da identidade regional que preserva o seu caráter típico. Não se trata da busca da identidade nacional, um pressuposto da classe dominante. O conformismo vem da própria qualificação de cultura popular pelos ilustrados que vêem a cultura do povo como atrasada, ingênua, sem arte, sem intelectualidade, enfim conformista (CHAUÍ, 1989).

A estigmatização da pobreza no aspecto cultural, associada às manifestações dessa categoria de povo, canaliza a resistência para a defesa das suas práticas e o direito de continuar a tradição. A defesa contra, principalmente, as manifestações da cultura alta e da indústria cultural que a despeito de promover a cultura de massa, termina por promover o esvaziamento da cultura pobre. As explicações são ambíguas, é fato. Se por um lado a cultura alta desdenha e não reconhece a cultura baixa, esta se mantém isolada e fecha-se às mudanças.

As dificuldades se impõem em ambas as perspectivas seja na resistência, seja na conformação. No caso cultural das manifestações tradicionais à resistência, isto se dá, segundo Mota (1981, p.1), “à imposição ideológica dominante, especialmente aquela que se processa através da indústria cultural”. Entretanto, se dá de forma pacífica e sem confrontos como atesta o autor ao afirmar que “os grupos populares resistem, se organizam diante da indústria cultural e tomam iniciativas diversas nas suas práticas sociais de vida” (MOTA, 1981, p.1).

Nesse embate entre classes dominantes e dominadas “os meios de comunicação reforçam e legitimam a ordem estabelecida, contribuindo para reproduzir as relações sociais de produção” (MOTA, 1981, p.2). Corre-se o risco então de extinção de algumas manifestações muito mais pela manipulação de consciência do que pela aspiração de necessidades culturais.

Em se considerando a mobilidade da cultura esta se assenta muito mais na determinação da ideologia dominante com seu aparato industrial de cultura, que influencia (para não dizer corrompe) a consciência das classes populares no seu papel social e histórico.

O que se pretende é realçar que embora a cultura seja móvel e, ao mesmo tempo global e regional, em determinados espaços geográficos há resistência a chamada indústria cultural.

O fato não ocorre de forma deliberada, mas naturalmente. É assim que Alencar (2002), enxerga o fenômeno e justifica o que tem acontecido em Laranjeiras. Para ela, a cidade em pauta é um foco de resistência. É a única explicação para que mesmo sofrendo modificações, seja na forma de expressão, seja na forma da oralidade, as manifestações introduzidas pelos colonizadores ainda sobrevivam. Vê nisso uma resistência à indústria cultural. Ou seja, a mobilidade possibilitada pela indústria cultural, veiculando a cultura de massa, não conseguiu extinguir a maior parte dos grupos culturais que preservam a herança das tradições. Vê com o passar do tempo uma troca entre a cultura popular e a erudita que confirma que a cultura se move e ensina que se aproveitam uma da outra.

Essa mobilidade é resultado das “formas e conteúdos de imposição burguesa sobre as resistências populares, pois as classes dominantes são as proprietárias dos meios de produção e circulação, ou as que determinam a sua organização e funcionamento” (MOTA, 1981, p.3). É a manifestação da cultura em canais institucionalizados que termina influenciando em grupos em posição inferior, determinando o curso entre os excluídos da dominação cultural. Pode-se admitir que as formas de resistência, aglutinadas de forma natural, são “imaginativas na vontade de sobreviverem diante do enfrentamento com as formas dominantes” (MOTA, 1981, p.3). As cristalizações, muitas das vezes, são manifestações que demonstram a luta pela sobrevivência política e social. O risco de não-resistência determina, muitas das vezes, que a cultura popular assuma modelo da cultura dominante com vieses de interesses burgueses. No entanto, possibilitar uma cultura popular pura é enfrentar contradições sociais. É preciso entender as manifestações populares como movimentos que reagem às tentativas de determinação burguesa, mas estabelecendo uma dialética cultural.

Richard Rorty, filósofo americano que tem dedicado trabalhos ao estudo da cultura avalia que “os críticos de Kuhn ajudaram a perpetuar o dogma de que só onde há correspondência entre a realidade há possibilidade de concordância racional, num sentido especial de ‘racional’ do qual a ciência é o paradigma” (RORTY, 1994, p. 328-329). Por este ângulo, ambíguo do ponto de vista acadêmico, anulam-se as manifestações tradicionais, pois se por um lado mantêm correspondência com uma realidade de comunidade, por outro não mantêm a correspondência racional do que se quer como ciência.

Se pensarmos na certeza racional, Rorty (1994) adverte que é uma questão de argumentação mais do que a relação com o objeto conhecido. É preciso “olhar antes na direção dos nossos interlocutores do que na de nossas faculdades para a explicação do fenômeno” (RORTY, 1994, p.163). Para o autor, a “objetividade deveria ser vista como conformidade às normas de justificação (para asserções e para ações) que encontramos sobre nós. Tal conformidade torna-se dúbia e autofrustrante apenas quando vista como algo mais do que isso – ou seja, como um modo de obter acesso a algo que ‘baseia’ as práticas correntes de justificação em alguma outra coisa” (RORTY, 1994, p.355).

Observa ainda que “essa tentativa ‘existencialista’ de colocar a objetividade, a racionalidade e a inquirição normal dentro do panorama mais amplo de nossa necessidade de sermos educados e edificados é com freqüência oposta pela tentativa ‘positivista’ de distinguir o aprender fatos do adquirir valores” (RORTY, 1994, p.357).

Analisando a questão sob o prisma da comunicação Mota (1981) estabelece duas formas de resistência: a defensiva e a ofensiva. Ambas garantem, preparam e apóiam respostas à cultura hegemônica. Geram seus próprios aparelhos de comunicação para defender seus interesses.

Em menor escala podemos dizer que em Laranjeiras esta resistência defensiva e ofensiva existe na determinação acadêmica de discutir uma vez por ano as manifestações lá existentes. Não deixa de ser ambíguo, duplamente. Ambíguo, como prega Chauí (1989), no conjunto do entendimento, e ambíguo, ao ver-se a acadêmica preocupada com a questão e assumindo um lugar que de fato pertence às classes populares, para verificar se o processo em Laranjeiras está sendo de conformismo ou de resistência.

Resistência

“Resistência pressupõe, aqui, diferença: história interna específica, ritmo próprio; modo peculiar de existir no tempo histórico e no tempo subjetivo” (BOSI, 1987, p.10).

A dicotomia cultura alta, cultura baixa, e todos os conceitos acadêmicos embutidos na análise terminam levando ao enfrentamento das duas culturas, revelando perda para a cultura baixa, que como “cultura dominada perde os meios materiais de expressar sua originalidade” (BOSI, E., 1987, p.16).

A questão do desenraizamento tem conotação cosmopolita, pois no controle dos instrumentos dos pólos submissão-domínio, a cultura culta, ou os que a fazem, ensaiam análises que a deturpam, como observa Ecléa Bosi (1987, p.17): “Na cidade, a sua fala é chamada ‘código restrito’ pelos lingüistas; seu jeito de viver, ‘carência cultural’; sua religião, credence ou folclore.”

Para a autora, o desenraizamento é a mais perigosa doença que atinge a cultura (BOSI, E., 1987, p.18). Do ponto de vista antropológico, ele ocorre pela migração. Ele (o migrante) não perde só a área territorial, mas tudo que está nela: as festas e a louvação a Deus, por exemplo. Do ponto de vista artístico perde o motivo (temática), resulta assim a segregação do migrante e a confirmação da perda de suas raízes. Como diz Ecléa Bosi (1987, p.22), “o desenraizamento é um efeito da alienação: é uma situação limite do dominado na estrutura capitalista”. Isto não se aplica só ao trabalho, mas as questões culturais do ponto de vista da indústria cultural que massifica o que é popular e passa a fazer parte da estrutura capitalista da dominação.

A resistência organizada

Na década de 90 alguns grupos de maracatus, congadas e reisados foram extintos por não haver substitutos para os líderes que morreram. A extinção desses grupos não significou a extinção das manifestações acima citadas por haver outros grupos em atividade. No entanto, isso significou um alerta para os líderes dos outros grupos. Tal preocupação fez sentido porque em Sergipe, um Estado proporcionalmente mais presente em manifestações tradicionais do que todos os outros, vinha se observando o desaparecimento de algumas manifestações. Há, em proporção menor, casos de interrupção por motivo de saúde dos líderes.

Discute-se, então, na comunidade Laranjeirense a perspectiva da continuidade ou não de alguns grupos. Essa discussão, não proposital, toma forma a partir dos próprios envolvidos no processo que não querem ver uma herança transmitida por várias gerações desaparecer. Para Bárbara dos Santos, herdeira da Taieira de Bilina, um dos mais conceituados grupos do Estado, a quem coube a missão de levar adiante as apresentações, “a vontade de manter a tradição supera todos os medos de assumir tamanha responsabilidade” (CÔRTEZ, 2003, p.2).

O Encontro Cultural de Laranjeiras, criado em 1976, tinha um objetivo definido: centrar-se no estudo, pesquisa e divulgação das tradições em Laranjeiras, realizando-se uma vez por ano, no início de janeiro coincidindo com as festas de Reis, dias em que se praticam várias manifestações populares.

A reunião anual em Laranjeiras com intelectuais e estudiosos do país sobre o assunto folclore e folguedos populares é a forma de manifestar a opinião de que a cultura popular não deve ser vista só como algo interessante, passageiro, condicionado a datas. É a perspectiva, através de estudos, da valorização da cultura popular e de verificar a identidade cultural do povo que a representa. O folclore é a fonte de registros do saber popular, onde intelectuais vêm seus compromissos de estudos e pesquisas.

Segundo Alencar (2002), não é preciso ir à Grécia para ver a cultura global, mas sim a cultura identitária, o que para ela é normal essa valorização em todo o mundo. Não considerar o folclore como cultura popular é negar o conhecimento, pois o nome é uma proposta as heranças culturais do povo no que diz respeito aos contos e os cantos. Observa que “um antropólogo chamado William John Thoms, com um pseudônimo de Ambrose Merton, escreveu uma carta na revista *Atheneu* propondo que se chamassem as antiguidades culturais como contos, lendas, danças, cantos do povo de Folk-Lore, ou saber do povo” (ALENCAR, 2002, p.2).

O Encontro de Laranjeiras encontra ressonância em Canclini (2000), quando analisa o discurso científico sobre o popular. Admite que é um problema recente no pensamento moderno, cita trabalhos precursores como o de Bakhtin e Ernesto de Martino, o conhecimento dentro de uma teoria complexa e consistente do social. Conclui que é uma novidade das três últimas décadas, o que coincide com a criação do Encontro aqui citado. E contraria o princípio anterior da formação do termo folclore na Inglaterra e a disciplina que se cria na França e na Itália especializada no saber e nas expressões subalternas. Para Canclini “agora se pretende situar o conhecimento popular dentro do ‘espírito científico’ que anima o conhecimento moderno” (2000, p.209).

É isso que tem feito a artista plástica sergipana Hortência Barreto. Formada em Letras pela Universidade Federal de Sergipe e pós-graduada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com residência fixada em Paris por vários anos, Barreto considera-se uma resistente cultural que acredita na cultura flutuante. Nascida na zona do agreste sergipano,

a academia iluminou sua trajetória de vida, mas fez do saber um aprendizado para situar o conhecimento popular dentro do erudito. Em 2001, participou do Circuito Cultural Banco do Brasil com o tema ‘Bonecas de pano’. Segundo a artista, as bonecas de pano objeto de representação de todas as telas dessa fase é um resgate das tradições da região. Entende que a sua postura de resistência é também uma postura de mobilidade, pois com a proposta da sua arte, foi resgatado o trabalho das bonequeiras. Abriam-se oficinas de bonecas na sua cidade natal (Nossa Senhora das Dores, aproximadamente 50 km de Laranjeiras) e as bonecas lá confeccionadas estão sendo comercializadas, por uma cooperativa, diretamente para a França. Assim, as bonecas originariamente francesas (porcelanas e coisas afins) na cultura popular sofreram um processo de releitura, foram reestilizadas e retornam como bonecas brasileiras de pano.

Todo artista trabalha com a percepção – um olhar espontâneo sobre as imagens e fatos vivenciados – e, ao interpretar o que vivenciou, começa a criar. No meu caso, as bonecas de pano pertencem à minha vivência nordestina, integradas como elemento forte dessa cultura que faz emergir, de maneira lúdica e poética, minha memória primitiva.

Ao representá-las em minhas telas, expressei afeto (tema recorrente em minha obra), tradições, religiosidade, casamento e família. Além das cores exuberantes, reservei o espaço para interferências de texturas diversas, tais como rendas, crochês e estampas (chitões), que complementam o quadro com a luz e a alegria do nordeste. Essa foi a forma regional e intimista que encontrei de converter o presente tecnológico agressivo no universo interior humano, usando uma estética de conciliação, que permita atingir um patamar ideal onde o homem acredite em si e onde as coisas estejam dispostas na sua medida (BARRETO, 2003).

Canclini pergunta “por que o folclore encontra eco nos gostos musicais dos jovens e nos meios eletrônicos de comunicação” (2000, p.51). É o caso da banda pernambucana da zona da mata Cordel do Fogo Encantado, formada por universitários, que faz sucesso na mídia e na indústria cultural. A banda trabalha uma nova leitura das manifestações populares tradicionais do nordeste como maracatu, reisado e penitentes. Introduz uma nova cantoria e cria uma cena diferente para os mesmos movimentos. O Cordel é tema de dissertação de mestrado no Instituto de Estudos Lingüísticos da Unicamp, sendo tratado como cultura popular.

O trabalho do Cordel do Fogo Encantado é a tentativa de incluir na cultura de massa via indústria cultural o pouco do povo culturalmente excluído. Como diz Canclini (2000, p.

205), “o popular é nessa história o excluído: aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado”. Alerta para o maniqueísmo dos processos constitutivos de modernidade, assim o que é moderno é culto é hegemônico, e o que não é moderno, por oposição é tradicional é popular é subalterno. E opina que “o tradicionalismo é hoje uma tendência em amplas camadas hegemônicas e pode combinar-se com o moderno, quase sem conflitos, quando a exaltação das tradições se limita à cultura enquanto a modernização se especializa nos setores social e econômico” (CANCLINI, 2000, p.206).

O Cordel do Fogo Encantado faz uma releitura cênica e valoriza a expressão corporal nos seus espetáculos. Aposta na valorização do corpo como construção cultural, uma vez que o corpo é sempre presente nas tradições populares. Eagleton (2001) aponta a obsessão pós-moderna de que o corpo é um *constructo* cultural. As manifestações tradicionais apontam para esse *constructo* quando normalmente as apresentações giram em torno de interpretações em que o corpo é revelado. Observe-se o caso dos caboclinhos, da dança de São Gonçalo.

A dança de São Gonçalo do Amarante, prometida por alguém que morreu antes de realizar seu voto, é celebrada pela família. Na sala os devotos homenageiam o santo, formando figuras de estrela, cruz, caracol, inspirada coreografia em volta do altar. O ausente está representado por uma cadeira coberta com lençol branco. Mistério da permanência do mito, da cultura recusada inscrita nos movimentos do corpo e da memória (BOSI, E., 1987, p.29).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“As chaves do futuro e da utopia estão escondidas, quem sabe, na memória das lutas, nas histórias dos simples, nas lembranças dos velhos” (BOSI, E., 1987, p.41). A mobilidade da cultura em Laranjeiras se faz presente com um poeta popular que dá lembrança vai tirando versos e emprestando a sua poesia para novos cantos dos grupos de Laranjeiras. Como bem observa Barreto (2001), a poesia de João Sapateiro tem sabor popular fluente nos grupos folclóricos, como o cacumbi, o reisado de Lalinha, a Taieira, a chegança e vai servindo para a revitalização das manifestações.

As manifestações populares são encaradas ora como atraso, ora como fonte de emancipação, e consideradas ambíguas por serem tecido de ignorância e ao mesmo tempo de saber, com desejo de emancipação, e com capacidade de se conformar ao resistir, e de resistir ao se conformar (CHAUÍ, 1989).

É nesse campo teórico, ambíguo, que se tenta compreender o desafio de manutenção de algumas manifestações culturais populares, especificamente na cidade de Laranjeiras, em Sergipe. E é no campo das dificuldades econômicas, de indução ideológica, manipulação política e social, que se manifesta o povo. É nesse ambiente que se desenvolvem as resistências populares.

Em Sergipe essa questão da resistência é fato comprovado. Com observa Barreto, os sergipanos “mantêm vivos hábitos, costumes e tradições que servem de matriz e de fonte para a identificação da cultura sergipana, acentuando o que ela tem de característico, de típico, de próprio, como diferencial diante de outras culturas” (2001b, p.2).

É possível que aqui tenha se cometido o equívoco da valorização das manifestações populares como cultura popular. Pode-se até ter-se dado ênfase de forma demasiada a questão da resistência. Mas registre-se, aqui não foi discutido o grau de autonomia dessa resistência analisada ou o grau de influência exercida para que ela aconteça.

Fica evidente a situação de ambigüidade vivida pelos que fazem as manifestações tradicionais populares de Laranjeiras, assim como preconiza Chauí (1989). Se por um lado houve a extinção de alguns grupos, por outro houve uma reação natural, por parte de pessoas da comunidade, para que as manifestações não pereçam. O ambíguo revela-se justamente aí, se analisada a questão à luz da teoria da literatura cultural. Há postulações pró e contra a resistência. Observe-se, entretanto, que os populares não têm noção nenhuma do que tratam os acadêmicos em relação à sua cultura. Ela corre de forma natural.

Para os populares da cidade de Laranjeiras e os manifestantes das tradições a cultura em que a cidade vive mergulhada é orgulho de cada cidadão, vive-se um processo cultural enquanto perspectiva de lazer e educação, associada à vontade de manter viva a tradição transmitida por vários anos; é um sentimento coletivo de que o herdado deve ser passado a outros herdeiros. Uma verdadeira definição de cultura do ponto de vista antropológico.

Conclui-se, com base nos textos sobre a cultura popular, que existe uma releitura do passado tentando-se dar uma visão contemporânea associada à modernidade. Não são visões imanentes. As manifestações populares resistem e se movem, ao mesmo tempo. Fortalece-se o caráter da ambigüidade: acredita-se na mobilidade com base na resistência.

BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes de. "Só se defende o que se ama". *Jornal da Cultura*, Aracaju, agosto de 2002. Opinião, p.2.
- BARRETO, Hortência. *Bonecas de pano*. Aracaju, 2003. Folder de apresentação da exposição Bonecas de Pano.
- BARRETO, Luiz Antônio. "Com quantos sergipanos se faz uma cultura". *Gazeta de Sergipe*, Aracaju, 17/07/2001, p. 2.
- _____. "Com quantos sergipanos se faz uma cultura, II". *Gazeta de Sergipe*, Aracaju, 19/07/2001b, p. 2.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 404p.
- _____. Plural, mas não caótico. In: BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Àtica, 1987, p.7-15.
- BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Àtica, 1987. 244p. p.16-41
- CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. 179p.
- CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Ana Regina Lessa, Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2000. 385p.
- CÔRTEZ, Joana. "Maior desafio dos laranjeirenses é manter sua cultura viva". *Cinform*, Aracaju, 06 de janeiro de 2003. Cultura e Variedades, p.2.
- EAGLETON, Terry. *La idea de cultura: una mirada política sobre los conflictos culturales*. Barcelona: Piados, 2001. 207p.
- MOTTA, Gonzaga. *Cultura de resistência e comunicação: alternativa popular no Brasil*. Brasília, 1981. (Texto apresentado no Grupo de Trabalho sobre meios de Comunicação Social – CLACSO, Santa Marta, Colômbia.)
- RORTY, Richard. *A filosofia e o espelho da natureza*. 3.ed. Tradução Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. 386p.
- SERGIPE. Secretaria de Estado da Cultura. *Plano de restauração, preservação e valorização do patrimônio histórico cultural de Laranjeiras, Sergipe*. Aracaju, 1972.